CadIL

Cadernos do Instituto de Letras
E-ISSN 2236-6385

Uma tipologia gramatical para truncamentos em japonês

A grammatical typology for truncation in Japanese

Ana Paula Scher[*]
João Pedro Boechat[**]

RESUMO: Este trabalho investiga os diversos padrões de truncamento nos diferentes estratos e classes de palavras do japonês considerando suas propriedades fonológicas, prosódicas, morfossintáticas e semântico-pragmáticas. Sob a hipótese da presença de um morfema avaliativo, [EVAL], em sua estrutura interna, analisamos as formas truncadas valendo-nos da restrição de minimalidade prosódica (ITŌ, 1990) e do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída. Como resultado, propomos uma tipologia gramatical para esse tipo de dados do japonês.

PALAVRAS-CHAVE: truncamento; morfologia (não concatenativa); morfema avaliativo; formação de palavras.

ABSTRACT: This paper investigates the various patterns of truncation in different lexical strata and word classes in Japanese taking their phonological, prosodical, morphosyntactic, semantic and pragmatic properties into account. Under the hypothesis that their internal structure has an evaluative morpheme, [EVAL], we analyse truncated forms based on the prosodic minimality constraint (ITŌ, 1990) and on the theoretical framework of Distributed Morphology. As a result, we propose a grammatical typology for this kind of data from Japanese.

KEYWORDS: truncation; (non-concatenative) morphology; evaluative morpheme; word formation.

[*] Professora Livre-docente do Departamento de Linguística da USP, Bolsista de Produtividade (nível 2) do CNPq, processo: 307481/2020-4 e coordenadora do Grupo de Pesquisas em Morfologia Distribuída do CNPq e do Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída (GREMD) da USP. E-mail: anascher@usp.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2105-7888.
[**] Aluno da graduação em Letras, habilitação Português-Linguística, na Universidade de São Paulo e pesquisador em nível de Iniciação Científica (orientado pela Profa. Dra. Ana Paula Scher). E-mail: jp.boechat@usp.br.

1 Introdução[1]

O fenômeno do truncamento nas línguas naturais vem há muito sendo tratado pela literatura a partir do viés da morfofonologia. Contudo, novas observações de dados como os do japonês parecem apontar para a relevância de uma análise que considere a morfologia na explicação da forma fonológica que não pode ser prevista pelas propostas de viés eminentemente baseado na fonologia.

De modo geral, o truncamento em japonês é percebido como *wakamono kotoba*, que significa *fala de jovens*, mas é preciso notar as diferentes operações linguísticas peculiares a cada um dos vários tipos de truncamento dessa língua:

(1) Tipos de truncamento em japonês

CATEGORIA	TRUNCAMENTO	TRADUÇÃO
a. substantivo:	tomo**dachi** > dachi	'amigo'
	insu**tora**kutaa > intora	'instrutor'
	irasutoreesyon > irasuto	'ilustração'
b. adjetivo:	muzuka-si-**i** > muzu-**i**	'difícil'
c. verbo:	kokuhaku-**suru** > koku-**ru**	'fazer uma confissão amorosa'
d. composto sino-japonês:	gaikoku sihon > gai si	'capital estrangeira'
e. expressões:	osaki-ni siturei simasu > osaki-ni	'com licença'
f. hipocorísticos:	Junki-chan > Jun-chan	'Junkizinho'
g. palavras funcionais:	amari > anma	(advérbio de intensidade)

Em (1)a, temos o truncamento de substantivos, que pode promover a retenção das sílabas da porção à direita da palavra, como em *dachi*; a retenção

[1] Nossos agradecimentos ao Pablo Ribeiro pela leitura atenta deste artigo e por seus comentários, que nos ajudaram a chegar a esta versão final. Os problemas que permanecem são de nossa responsabilidade.

das silabas da porção esquerda da palavra, como em *irasuto*, e retenção de sílabas mediais, como *intora*.[2] Em relação ao truncamento de adjetivos, em (1)b, destaca-se a retenção do morfema categorizador de adjetivos *-i* (em negrito). Assim como no caso dos adjetivos, no truncamento dos verbos, em (1)c, verifica-se a retenção do morfema categorizador de verbos *-ru* (em negrito). Em palavras do estrato sino-japonês, como em (1)d, o truncamento respeita a barreira entre os morfemas que compõem a palavra. O mecanismo de seleção do material que será retido na palavra truncada parece ter acesso não somente à morfologia, mas também à semântica de cada morfema, o que será discutido adiante. O truncamento de expressões, em (1)e, parece ter a tendência de reter a primeira palavra da expressão relevante. A respeito dos hipocorísticos, como em (1)f, observa-se a retenção do sufixo de diminutivo afetivo em sua integridade e um truncamento fonológico do nome que recebe o sufixo. Finalmente, o caso das palavras funcionais, em (1)g, que será discutido com mais detalhe adiante, é especialmente interessante, porque o uso das formas truncadas acarreta uma variação em componentes sintáticos da sentença, tais como efeitos de polaridade.

Com base na observação de que os padrões de truncamento frequentemente resultam de requerimentos de palavra mínima, constante da literatura sobre truncamentos e seus padrões nas línguas naturais, Itō (1990) sugere que, em japonês, a estrutura fonológica da palavra-mínima derivada (palavras truncadas, hipocorísticos e empréstimos) é composta por duas sílabas contendo, pelo menos, duas moras.[3] Assim, a restrição de minimalidade prosódica proposta pela autora requer que o radical prosódico mínimo seja um pé bimoraico (Requerimento do radical mínimo: Min(STEM) = F = [μ^4 μ]) e que

[2] O truncamento que ocorre em substantivos dos estratos nativo, sino-japonês e com empréstimos parece apresentar diferenças quanto à morfologia envolvida no processo, o que será apontado mais adiante.

[3] A autora se vale da Teoria da Otimidade (TO) (PRINCE; SMOLENSLY, 1993) para formular uma restrição capaz de prever a estrutura mínima de palavras truncadas. A TO assume restrições como o seu primitivo teórico. Nesse sentido, a Gramática Universal contém um conjunto de restrições gerais aplicáveis a qualquer língua e cada língua contém um *ranking* de restrições diferente em relação a outra. As restrições desse *ranking* se relacionam entre si em termos de dominância e a forma fonológica de superfície de uma determinada palavra é determinada a partir da performance do candidato que é mais bem avaliado segundo a hierarquia do *ranking* de restrições da língua.

[4] A noção de mora (μ) é muito importante para a fonotática do japonês. Kubozono (1989) afirma que é necessário considerar a mora como unidade linguística para compreender a produção de

a palavra prosódica seja minimamente dissilábica (Requerimento da palavra mínima: Min(WORD) > σ) (ITŌ, 1990, p. 221). A autora constata a satisfação dessa restrição nos seguintes dados truncados de empréstimos de termos do inglês para o japonês:

(2) Restrição de minimalidade prosódica em truncamentos de empréstimos do inglês para o japonês – Itō (1990, p. 221):

a. amatyua	> **ama**	*amateur*	'amador'
b. intorodakusyon	> **intoro**	*introduction*	'introdução'
c. irasutoreesuon	> **irasuto**	*illustration*	'ilustração'

Os exemplos em (2)a-c corroboram a hipótese de que as formas truncadas (em negrito) são minimamente bimoraicas e dissilábicas, mas também mostram que é possível que se produzam formas com mais de duas sílabas e mais de duas moras.[5] Assim, apesar de a forma plena de palavras do japonês poder ser composta de apenas uma mora, como ocorre com *te* 'mão', os empréstimos, truncamentos e hipocorísticos se adequam ao *template* de Itō (1990, p. 220), que postula que as palavras derivadas por processos tradicionalmente tidos como não-concatenativos em japonês são dissilábicas e, principalmente, multimoraicas (precisam apresentar pelo menos duas moras).

Kubozono (2010) avalia diferentes propostas para explicar, por meio da fonologia, o fenômeno do truncamento no japonês e conclui, diante dos diversos contraexemplos para as regras formuladas, que não é possível prever, por meio de padrões prosódicos – tais como a estrutura tonal e moraica da palavra –, quais segmentos serão retidos por um nome truncado ou quantas moras ele irá reter da palavra plena. Assim, por exemplo, considerando os dados de Labrune (2002) (cf.

falantes nativos de japonês; por sua vez, mais recentemente, Yamaguchi (2007) argumenta que a mora é a unidade fundamental responsável pela ordenação de fonemas no processo de formação de palavras em japonês. Trata-se de uma unidade de tempo, de duração. De acordo com Ladefoged (1982, p. 226), as moras têm todas a mesma duração. Nesse sentido, pode-se pensar que uma sílaba pesada que apresenta uma vogal alongada em seu núcleo conta como duas moras, uma vez que a sua duração é superior à de uma sílaba leve. Em japonês, todas as vogais, as consoantes geminadas e a coda nasal /N/ são moraicas, isto é, possuem a mesma duração.

[5] Ainda, é possível afirmar que há uma saliência da extremidade esquerda do empréstimo, visto que esse segmento da palavra tende a ser retido na forma truncada.

(3)), que postula que o acento tonal da palavra determina que porção dela será retida no truncamento (segundo o autor, a forma truncada retém a porção da forma plena até a sílaba imediatamente anterior à sílaba acentuada), Kubozono (2010) apresenta uma série de dados que desafiam a generalização que leva em conta o núcleo acentual da palavra, apresentada por aquele autor:[6]

(3) Exemplos de Labrune (2002)

a. irasuto**REE**syon > irasuto	'ilustração'
b. metabo**RI**kku ＞metabo	'metabolismo'
c. rihabiri**TEE**son > rihabiri	'reabilitação

(4) Contraexemplos de Kubozono (2010)

a. aku**SE**sarii > *aku; akuse	'acessório'
b. ani**ME**syon > *ani; anime	'animação'
c. tere**BI**jyon > *tere; terebi	'televisão'

Além de fatos empíricos, Kubozono faz considerações interessantes acerca das propostas que tomam o acento como explicação para a formação das palavras truncadas. Dentre essas considerações, duas se destacam como relevantes para a análise que será proposta neste trabalho:

(5) Considerações de Kubozono (2010, p. 23)

a. Como explicar a relativa uniformidade das palavras truncadas se, no território japonês, existe uma grande diversidade de padrão acentual de acordo com a região? As diferentes marcações de acento deveriam produzir diferentes palavras truncadas, mas não é isso o que se verifica na maior parte dos dados, o que nos leva naturalmente à conclusão de que o acento, pelo menos, não pode ser fator decisivo na formação de uma palavra truncada.

[6] Nos dois grupos de exemplos, (3) e (4), negrito e letras maiúsculas indicam o acento tonal da forma plena.

b. Por que as análises fonológicas que consideram a estrutura acentual da palavra plena para a formação da palavra truncada assumem que o acento precede a formação da palavra?

O ponto levantado em (b) parece sugerir que tomar a palavra plena e sua estrutura acentual como condição de existência para a palavra truncada não é um bom caminho. Isso se corrobora pela relativa imprevisibilidade da estrutura silábica e moraica das palavras truncadas – o que leva Itō (1990) a propor uma palavra prosódica mínima – e pela impossibilidade de se extrair a estrutura prosódica de uma palavra truncada tomando-se como base a estrutura acentual da palavra plena, o que é atestado por Kubozono (2010).

As observações de Itō (1999) e Kubozono (2010) sobre a prosódia do truncamento constituirão o ponto de partida para nossas observações sobre as formas truncadas do japonês, bem como para a proposta de análise que aqui apresentaremos para elas, de modo que possamos sugerir uma tipologia gramatical para esses fatos linguísticos. Entretanto, as observações que fizemos sobre os dois trabalhos e o conjunto de dados que analisamos deixam claro que a realização fonológica dos truncamentos não pode ser descrita utilizando-se apenas da prosódia e da fonologia, o que demanda uma abordagem multidisciplinar para a presente pesquisa.

Assim, com o objetivo de aprofundar as investigações acerca da formação das palavras truncadas no japonês, discutiremos, neste trabalho, a influência dos demais componentes da gramática na derivação de formas truncadas nessa língua. Dessa forma, além de retomarmos os dados, considerando seus aspectos fonológicos e as observações já feitas acima sobre as propostas de Itō (1990) e Kubozono (2010), estaremos atentos à interação entre aspectos morfológicos e fonológicos dessas formações, às suas relações com aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, visando à proposição de uma tipologia gramatical para os truncamentos do japonês.

O trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção 2, discutimos o papel dos diversos componentes da gramática na derivação de formas truncadas do japonês. Então, na seção 3, é descrito o experimento inicial que fizemos para verificar a sustentação empírica de nossa proposta de análise, que leva em conta

a presença de um morfema avaliativo [EVAL] na estrutura de algumas formas truncadas. Na seção 4, utilizamos o modelo da Morfologia Distribuída e indicamos como uma proposta não lexicalista pode oferecer um tratamento para esses dados. Nossa sugestão de uma tipologia gramatical para os dados de truncamento do japonês, baseada em suas propriedades fonológicas, morfossintática e semântico-pragmáticas, é oferecida na seção 5 e, na seção 6, apresentamos nossas considerações finais.

2 A natureza multidisciplinar do truncamento em japonês: desafios para um processo de formação de palavras

Nesta seção discutiremos os exemplos de truncamentos do japonês a partir de diferentes perspectivas, nomeadamente, a fonológica, a morfofonológica, a sintática e a semântico-pragmática. A motivação para essa abordagem tem a ver com o fato de que as propriedades desse tipo de dados do japonês parecem revelar uma interação entre os diversos componentes da gramática a que tais propriedades correspondem.

2.1 O truncamento em japonês e a Fonologia

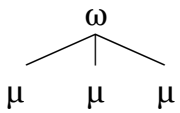
Como vimos, as pesquisas sobre o truncamento em japonês que se utilizam da fonologia para explicar esse fenômeno dividem-se entre aquelas que privilegiam uma análise silábico-moraica e aquelas que depreendem do acento-tonal do japonês a previsibilidade da realização fonológica das palavras truncadas. Nesse sentido, as contribuições e questionamentos apontados por Itō (1990) e Kubozono (2010) serão relevantes para o presente trabalho.

No que tange à estrutura prosódica, o comportamento dos dados, a proposta de Itō (1990), além das observações de Kubozono (2010), nos permitem formular uma generalização para a estrutura prosódica do conjunto dos truncamentos do japonês:

(6) Estrutura prosódica do conjunto dos truncamentos do japonês:
generalização: ω = [μ1 μ2 μ3]

A estrutura moraica geral para o conjunto dos truncamentos do japonês com a estrutura a prosódica em (6)a poderá ser representada como (7):

(7) Estrutura moraica geral para o conjunto dos truncamentos do japonês:



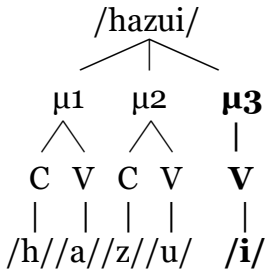
Ainda, é possível particularizar a estrutura prosódica em (6) com base em classes de palavras, agrupando os truncamentos de verbos e adjetivos (cf. (8)a) de todos os estratos da língua (inclusive o estrangeiro e construções com verbo leve) e palavras funcionais (cf. (8)b). Os nomes, devido à sua imprevisibilidade de realização fonológica, não se enquadram nessa generalização, mas pode-se propor, ainda segundo Itō (1990), um tamanho máximo para a sua estrutura prosódica (cf. (8)c).

(8) Estrutura prosódica dos verbos, adjetivos e palavras funcionais truncados
a. verbos e adjetivos: ([μ1 μ2]$_{\text{STEM}}$ + [μ3]$_{\text{CAT}}$)$_{\text{WORD}}$
b. palavras funcionais: [μ1 μ2]$_{\text{STEM}}$ → geminação (+μ3) → (μ1 μ2 μ3)$_{\text{WORD}}$
c. nomes, segundo Itō (1990): ω ≤ 4μ

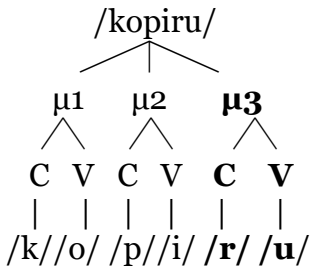
A exemplo disso, o adjetivo *hazu-i* e o verbo *kopi-ru*, com estruturas prosódicas como (8)a, em que o radical/base é caracterizado por duas moras e o categorizador, pela terceira, têm estruturas moraicas representadas como (9)a-b, respectivamente:

(9) Estrutura moraica de adjetivos e verbos truncados

a. O adjetivo ***hazu-i***



b. O verbo ***kopi-ru***

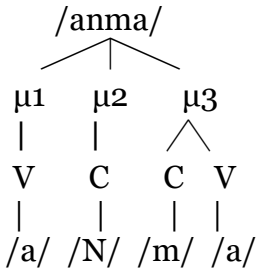


Nos verbos e adjetivos truncados, a raiz truncada, composta por duas moras, recebe o categorizador correspondente: *-i* para os adjetivos e *-ru* para os verbos (em negrito nas representações), completando, assim, três moras.

As palavras funcionais, com a estrutura prosódica em (8)b, que prevê a ocorrência de uma coda nasal para satisfazer o requerimento moraico, serão representadas pela estrutura moraica em (10):

(10) Estrutura moraica de palavras funcionais

anma



Essas são formas que apresentam três moras em sua estrutura prosódica devido a um processo de geminação, o que sugere que a língua segue a generalização proposta em (6)a. Assim, apesar de um truncamento de duas moras ser possível em japonês – visto que não viola a restrição de minimalidade prosódica de Itō (1990) – as palavras funcionais *amari* e *bakari* têm os

correspondentes truncados *anma* e *bakka*, em vez de **ama* e **baka*, que seriam as formas esperadas a partir do truncamento da última sílaba /ri/.

Contudo, é importante destacar que existem exceções para a generalização em (6), tais como o adjetivo truncado *omoro-i*, 'engraçado', com quatro moras, e a palavra funcional truncada *toko*, 'lugar', com duas moras. No que concerne a *omoro-i*, cuja forma plena é *omoshiro-i*, seria esperada a forma *omo-i* (composta pelas duas primeiras moras da raiz e o categorizador de adjetivos) para o truncamento. No entanto, já existe um adjetivo em japonês com essa mesma forma fonológica: *omo-i* significa 'pesado', e não 'engraçado' (significado de *omoro-i*).[7] Quanto à forma *toko*, a sua estrutura bimoraica se justifica pela forma plena, *tokoro*, já apresentar três moras, logo a forma truncada, obedecendo à restrição prosódica mínima de Itō (1990), precisaria obrigatoriamente apresentar duas moras.

Finalmente, ainda que minimamente bimoiracos e dissilábicos, os nomes truncados apresentam estruturas prosódicas que variam entre duas moras (palavra mínima), três moras e quarto moras (palavra máxima). Kubozono (2010) esclarece que o limite de quatro moras para os nomes truncados se relaciona ao fato de que, no japonês, os nomes têm, no máximo, quatro moras, sendo que palavras com cinco moras ou mais configuram formas compostas, em termos fonológicos e prosódicos.

2.2 Interação Morfologia e Fonologia: o caso dos hipocorísticos

O truncamento de hipocorísticos em japonês sempre apresenta o sufixo de diminutivo afetuoso *-chan* ou *-kun* em sua integridade. A dependência do conhecimento morfológico desse sufixo por parte do falante nativo para a realização do truncamento de um hipocorístico fica evidente se considerado o *template* prosódico proposto por Itō (1990, p. 221) para palavra truncada mínima. Como vimos, segundo essa autora, existe uma restrição prosódica que determina

[7] Assim, pode-se pensar que exista algum tipo de bloqueio que privilegie a forma truncada com quatro moras para o truncamento de *omoshiro-i* 'engraçado'.

que a palavra truncada mínima deve apresentar mais de uma sílaba e conter, pelo menos, duas moras. Desse modo, Daniel (2018) argumenta convincentemente que, se desconsiderada a retenção do sufixo *-chan*, a forma **Nobu*[8], com duas sílabas e duas moras, seria suficiente para satisfazer a restrição de minimalidade prosódica para uma palavra truncada de Itō.

(11) Nobuo-chan > Noo-chan 'Nobuozinho'

Entretanto, uma vez que a forma produzida pelos nativos para o truncamento do antropônimo *Nobuo* é *Noo*, a sufixação de *-chan* é requisito para a boa formação da palavra, visto que a forma **Noo* não possui mais de uma sílaba, logo violaria a restrição de Itō (1990) mencionada acima. Assim, um processo morfológico de afixação associado ao *template* prosódico de Itō licencia a palavra *Noo-chan*.

2.3 O truncamento em japonês: aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos

O truncamento de palavras funcionais do japonês revela algumas das propriedades sintáticas desse processo. Uma análise que se proponha a dar conta desses dados precisa justificar as diferenças morfossintáticas entre as formas truncada e plena. A exemplo disso, pode-se mencionar o truncamento do advérbio *amari*, com dados que aparecem em Shinzato (2018, p. 55):

[8] A forma truncada não seria *Nobuo* porque *Nobuo* já é o antropônimo (forma plena). Daniel (2018) argumenta que a forma truncada **Nobu* poderia ser produzida, uma vez que não viola a restrição prosódica de Itō (1990), porém os falantes nativos produzem o truncamento **Noo* que, por sua vez, apresenta apenas uma sílaba, violando a minimalidade prosódica de Itō (1990) e demandando a afixação de *-chan* para a gramaticalidade da forma truncada. Assim, *Noo-chan* se adequa ao *template* prosódico de Itō (1990), uma vez que tem duas sílabas e quatro moras.

(12) Diferenças morfossintáticas entre formas plenas e truncadas de palavras funcionais:

a. Y: Uun, **amari.ni.mo** tanoshikat-ta kara sa,
INJ extremely fun-PST since SFP
[un] subete ga kirakira shite.
[yes] all SBJ radiante do (PPI)
'Yeah. Since it was a lot of fun, and everything was radiant…'
'Sim, como foi muito divertido, tudo estava radiante…'

b. Y: Soo. Asoko, **anma** yoku-nai.
So there too much good-NEG (NPI)
'Is that so? It's not too good there.'
'É mesmo? Lá não é muito bom' (SHINZATO, 2018, p. 55)

O exemplo em (12)a revela que a combinação de *amari* (forma plena) a itens de polaridade positiva (PPI – *positive polarity items*) é licenciada por sua associação às partículas *-ni* e *-ni-mo*, produzindo *amari-ni-mo*. Em contrapartida, segundo Shinzato (2018, p. 58), *anma* (forma truncada) não pode se associar a essas partículas e tem uma taxa bem baixa de coocorrência com outros auxiliares, tais como o verbo suporte *sugiru* (20% em orações subordinadas e 0% em orações principais).

Ainda, a respeito da polaridade da forma truncada *anma*, Shinzato (2018, p. 57) explica que o contexto de oração subordinada parece ser suficiente para licenciar sua associação a PPIs. No entanto, além de ser esse um contexto de baixa frequência, *anma* não ocorre com PPIs em orações principais, mas somente com itens de polaridade negativa NPIs (*negative polarity items*).

Tabela 1: Padrões distribucionais de *amari*, *anmari* e *anma* como PPI e NPI

	PPI % (N)	NPI % (N)	% (Total)
Amari	37% (41)	63% (70)	100% (111)
Anmari	14% (73)	86% (467)	100% (540)
Anma	5% (5)	95% (106)	100% (111)

Fonte: Shinzato (2018, p. 56)

No que concerne aos aspectos semânticos associados ao truncamento, Nishihara, van de Weijer e Nanjo (2001, p. 300), discutindo os compostos sino-japoneses, explicam que a ideia de morfema é um componente essencial para esse estrato da língua. Por isso a semântica de cada morfema desempenha um papel importante na composição de uma forma truncada. Esse tipo de truncamento, exemplificado em (13), também foi usado por Daniel (2018, p. 18) para fortalecer seu argumento em favor do acesso à morfologia no caso do truncamento em japonês:

(13) Evidência para a relevância da morfossemântica no truncamento de compostos sino-japoneses.

a. tei-ki-zyou-sya-ken
   determinado-período-embarcar-veículo-ticket
   forma truncada: **tei-ki-ken** 'ticket de período fixo'

b. ri-reki-syo
   performance-histórico-documento
   forma truncada: **reki** 'currículo'

Em (13)a, os morfemas *tei*, *ki* e *-ken* são os que compõem a forma truncada e significam, respectivamente, *determinado*, *período* e *ticket*. Para que seja possível que a palavra truncada faça referência a um tipo específico de ticket de metrô que é valido somente em determinados períodos do dia (de modo geral, fora do horário de pico), Daniel (2018, p. 50) argumenta que a semântica contida nesses três morfemas parece ser fator determinante para a sua retenção no momento do truncamento. O apagamento do morfema *-ken*, que significa *ticket*, ou a retenção de *sya*, que significa *veículo*, poderiam tornar nebulosa a semântica da forma truncada. Desse modo, o falante nativo teria acesso à informação morfossemântica de que *tei*, *ki* e *-ken* são morfemas semanticamente mais relevantes para compor o significado *ticket de período fixo* do que, por exemplo, a sequência *zyou-sya*, em que *zyou* significa *embarcar* e *sya*, como já dissemos, *veículo*.

No caso de (13)b, as formas **ri-re* ou **ki-syo* são agramaticais porque violam a barreira entre os morfemas que compõem a forma plena do composto

sino-japonês. Uma vez que *reki* é um morfema dissilábico, ele não pode ser desmembrado para a criação de uma palavra truncada, o que, segundo Daniel (2018, p. 18), novamente corrobora a tese de que o fenômeno do truncamento acessa a morfologia da língua.

2.4.2 Morfopragmática: leitura avaliativa

Para tratar do aspecto morfopragmático das formações truncadas, foi necessário aprofundar a investigação de sua interpretação. De modo geral, uma interpretação avaliativa parece ser comum entre as formas truncadas nas línguas naturais. Scher (2018, 2016) e trabalhos anteriores descrevem e analisam esse fenômeno para o português, sendo que uma das características observadas pela autora é a presença de uma leitura avaliativa nas formas nominais truncadas do português brasileiro.

As pesquisas sobre truncamentos no japonês não se aprofundam na questão sobre a interpretação avaliativa dessas formações. Mais fáceis de encontrar são os estudos sobre truncamento de verbos e adjetivos interessados em investigar a faixa etária da sociedade que mais usa essas formas truncadas, como o de Yamaguchi (2007).

Contudo, os dados sugerem a ausência da interpretação avaliativa no truncamento de compostos nominais sino-japoneses e de nomes oriundos de empréstimo. Por sua vez, nomes, adjetivos, verbos e palavras funcionais do estrato nativo parecem apresentar essa interpretação avaliativa: seu uso revela informalidade diante da situação de fala e intimidade diante do interlocutor. Ainda, o mesmo ocorre com formas truncadas de adjetivos e verbos do estrato estrangeiro e também com os verbos oriundos de construções com verbo leve (doravante “CVLs”) de base sino-japonesa. Por esse motivo, realizamos um pequeno experimento com falantes nativos, apresentado a seguir, que nos permitiu propor que um núcleo avaliativo comporá a representação sintática das formas truncadas do japonês que apresentem essa leitura.

Assim, argumentamos que a leitura avaliativa das formas truncadas de adjetivos e verbos de qualquer estrato e de nomes do estrato nativo pode estar

relacionada à concatenação de um núcleo avaliativo, nos termos de Scher (2018, 2016) e de Marangoni Junior (2021), à raiz da palavra na derivação sintática.

3 Breve experimento com falantes nativos de japonês: a interpretação avaliativa (ou não) dos truncamentos

A presença ou não desse morfema avaliativo [EVAL] na estrutura sintática dos truncamentos começa a se mostrar crucial para que se organize uma tipologia gramatical para esses dados no japonês. Com o intuito de identificar com maior precisão a interpretação que o falante nativo atribui aos casos distintos de truncamento, foi realizado um pequeno experimento com a participação desses falantes.

O experimento foi realizado pelo Google Forms e contou com a participação de 16 informantes, falantes nativos de japonês, de faixa etária, sexo/gênero e escolaridade variados. Seus pressupostos podem ser resumidos da seguinte forma, como já adiantamos na seção anterior:

(14) Pressupostos de interpretação pragmática de acordo com extrato e classe de palavra:

a. O truncamento de compostos nominais sino-japoneses e nomes oriundos do estrato estrangeiro não possuem qualquer leitura avaliativa;
b. O truncamento de nomes, adjetivos, verbos e palavras funcionais do estrato nativo apresenta uma leitura avaliativa de informalidade diante da situação de fala e intimidade diante do interlocutor;
c. O truncamento de CVLs formadas por elementos do estrato sino-japonês apresenta uma leitura avaliativa de informalidade diante da situação de fala e intimidade diante do interlocutor;
d. O truncamento de adjetivos e verbos truncados do estrato estrangeiro apresentam leitura avaliativa de informalidade diante da situação de fala e intimidade diante do interlocutor.

O formulário era composto de doze perguntas cujas respostas podiam ser abertas ou, mais especificamente, podiam envolver escolhas mais adequadas

(entre as formas plena, truncada ou as duas) para os contextos relevantes. Quatro dessas questões eram distratoras. Os distratores correspondem a perguntas relacionadas à linguagem honorífica devido à sua afinidade com o tema do experimento, haja vista que as construções honoríficas pertencem ao campo da morfopragmática. Nesse sentido, foram feitas perguntas para as quais o informante deveria responder qual sentença era mais ou menos adequada. No contexto para as questões, eram descritas situações comunicativas mais ou menos formais, como uma reunião de trabalho e uma conversa entre amigos, e, dentre as opções de resposta que o informante poderia assinalar, havia uma mesma sentença escrita de três maneiras diferentes: uma delas utilizava uma palavra truncada, a outra utilizava a sua forma plena e a terceira apresentava alguma inadequação de linguagem honorífica, o que acarretava o desprestígio dessa alternativa, forçando a escolha entre a sentença com a forma truncada ou aquela que apresentava a sua respectiva forma plena.

Para algumas perguntas, era possível assinalar duas respostas; nesse caso, porém, o informante deveria responder à indagação: "você sente alguma diferença entre as duas sentenças que assinalou como sendo adequadas à situação?". A pertinência dessa pergunta dissertativa se justifica por possibilitar o acesso à avaliação que os falantes podem fazer quanto à distinção das formas plena e truncada. O quadro 1, a seguir, descreve os resultados:

Quadro 1: adequação do uso de truncamentos a situações formais

Forma truncada	Classe da Palavra e Estrato	Situação	% de adequação à situação	Comentário dos nativos
muzu-i 'difícil'	Adjetivo nativo	Apresentação durante uma reunião de trabalho	93,8% de inadequação à situação formal	--
bakka (atribui foco e aspecto iterativo)	Palavra funcional nativa	Agradecimento a um superior da empresa pela ajuda recebida	85,7% de inadequação à situação formal	--
koku-ru 'fazer uma declaração de amor'	Verbo oriundo de CVL de base	Conversa informal entre dois alunos do	87,5% de adequação à situação informal	"Kokuhaku-suru (forma plena) é o padrão, mas

	sino-japonesa	ensino fundamental		em koku-ru (forma truncada) sinto um significado casual.”
tei-ki-ken ‘ticket de período fixo’	Composto sino-japonês	Conversa com o superior do trabalho	87,5% de adequação à situação formal	“Não sinto diferença (entre a forma plena e truncada).”
sotsu-ron ‘tese de graduação’	Composto nominal sino-japonês	Redação de e-mail para o orientador do TCC	56,3% de adequação à situação formal	“Não sinto diferença, e a forma sotsu-ron é comumente usada, então não é mal educado usá-la num e-mail para o orientador.”
emo-i ‘nostálgica’	Adjetivo estrangeiro	Conversa com o chefe no local de trabalho	87,5% de inadequação à situação formal	--
irasuto ‘ilustração’	Nome estrangeiro	Apresentação durante uma reunião de trabalho	100% de adequação à situação formal	“Não sinto diferença entre irasuto e irasutoreesyon, mas irasuto é mais usada.”
kopi-ru ‘copiar’	Verbo estrangeiro	Conversa com o chefe no local de trabalho	100% de inadequação à situação formal	--

Fonte: elaboração própria.

A partir do que pode ser observado por meio dos resultados do experimento, confirmaram-se os nossos pressupostos, listados em (14)a-d, de que existe uma leitura avaliativa associada a: i) formas truncadas do estrato nativo, presente em nomes, adjetivos, verbos e palavras funcionais; ii) adjetivos e verbos truncados do estrato estrangeiro; e iii) verbos truncados oriundos de CVL com base sino-japonesa.

Em contrapartida, o teste também corroborou a ausência de leitura avaliativa em compostos nominais do extrato sino-japonês e nomes do estrato estrangeiro.

Assim, se, em todas as palavras do estrato nativo e em adjetivos e verbos de quaisquer estratos, o truncamento desencadeia efeitos semântico-pragmáticos de avaliação e de informalidade diante da situação de fala e intimidade diante do interlocutor, então é possível propor que essa leitura avaliativa semântico-pragmática seja resultado da concatenação de um núcleo avaliativo na formação da estrutura interna da palavra truncada, como faremos a seguir.

4 O truncamento em japonês pelo viés da Morfologia Distribuída

O caráter morfológico de alguns truncamentos (hipocorísticos), as relações de polaridade dentro da oração, a presença ou não da forma truncada de um advérbio, a importância das informações semânticas dos morfemas na decisão dos elementos que se mantêm na forma truncada e a interpretação avaliativa desses dados revelam, portanto, que as propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas dos truncamentos também são importantes para a investigação desses fatos do japonês. Vem daí a necessidade de que se amplie o escopo da investigação, uma vez que a assunção de que o truncamento é um processo apenas fonológico não é suficiente para explicar seus efeitos nos componentes sintático e semântico.

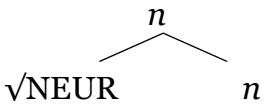
Dessa forma, buscamos suporte no arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993 e trabalhos subsequentes), um modelo separacionista (BEARD, 1995) e sintático de formação de palavras, em que as informações categoriais e semânticas, bem como as instruções para a inserção de Vocabulário e para a interpretação Enciclopédica estão dadas na própria estrutura sintática, sendo ela derivada por meio dos mesmos mecanismos atuantes na derivação das sentenças, a saber, Merge e Move.

Scher (2018, 2016), analisando as formas nominais truncadas em português brasileiro, e Marangoni Junior (2021), discutindo *blends* na mesma língua, propõem a existência de um núcleo avaliativo na estrutura sintática dessas

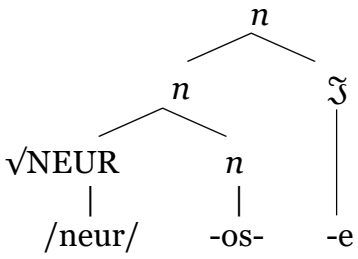
formações. O ponto de partida para a análise das formas truncadas realizada por Scher é a independência entre as formas truncadas e aquelas que são consideradas as suas equivalentes plenas fonológica e semanticamente. Nesse sentido, a palavra *neurose* parte da estrutura sintática em (15)a, que representa a categorização da raiz √NEUR como um nome, chegando à estrutura morfológica em (15)b, que exibe a inserção do nó dissociado para abrigar a vogal temática:

(15) Derivação de **neurose** (SCHER, 2018, p. 107)

a) estrutura sintática



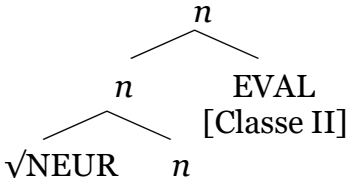
b) estrutura morfológica



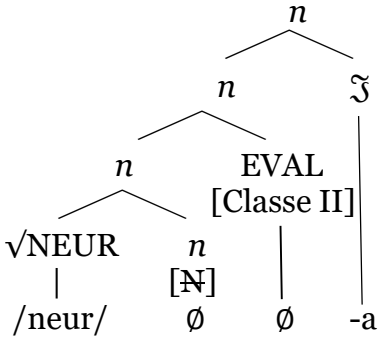
Por sua vez, a forma truncada *neura*, deriva independentemente da estrutura sintática em (16)a, que exibe a adjunção de um traço avaliativo ao categorizador nominal, chegando à estrutura morfológica em (16)b:

(16) Derivação de **neura** (SCHER, 2018, p. 107)

a) estrutura sintática



b) estrutura morfológica



Assim, a concatenação de um núcleo avaliativo à raiz categorizada na sintaxe justifica a independência derivacional entre as formas truncada e plena. Além disso, o núcleo [EVAL] desencadeia, na estrutura morfológica, uma operação de *empobrecimento* (cf. BONET, 1991), que apaga o traço N da categoria *n*, impedindo a inserção de qualquer item vocabulário nessa posição, fazendo com

que, na etapa de inserção de vocabulário, confira-se fonologia somente à raiz e ao sufixo temático.

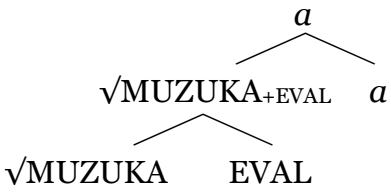
Desse modo, se aplicada ao japonês, essa análise propõe que ocorra, por exemplo, a criação independente das palavras *amari* e *anma*, sendo que a última recebe, na sintaxe, um morfema avaliativo [EVAL], responsável pelo desencadeamento de uma leitura apreciativa de informalidade e da sua fonologia distinta da fonologia da forma plena.

O experimento descrito acima atestou, empiricamente, a leitura avaliativa para os truncamentos de todas as classes de palavra do estrato nativo e nos verbos e adjetivos do estrato estrangeiro. A partir dessa evidência, nós utilizamos o arcabouço da Morfologia Distribuída para propor a presença de um núcleo avaliativo [EVAL] na derivação independente das formas truncadas do japonês, com exceção dos compostos nominais do estrato sino-japonês e dos nomes do estrato estrangeiro, haja vista que esses dados de truncamento não apresentaram qualquer leitura apreciativa.

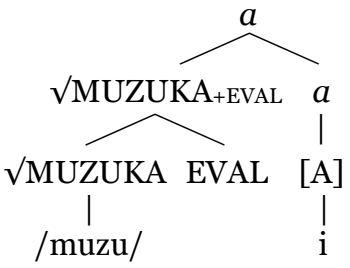
Comecemos pelos truncamentos de verbos e adjetivos dos estratos nativo e estrangeiro, em que se verificou a leitura avaliativa de informalidade no experimento com nativos. Nesses casos, a forma fonológica do truncamento mantém o morfema de categorizador. Nossa proposta para as representações estruturais de adjetivos e verbos truncados está em (17) e (18), respectivamente[9]:

(17) Derivação de ***muzu-i*** (adjetivo)

a) estrutura sintática



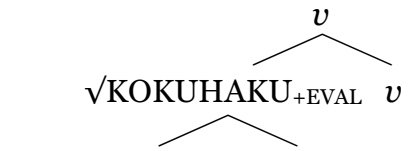
b) estrutura morfológica



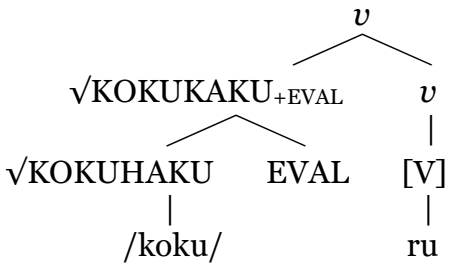
[9] Propomos a mesma representação de (17) e (18) para verbos e adjetivos de quaisquer estratos da língua (incluindo formas truncadas de verbos e adjetivos do estrato estrangeiro e verbos truncados oriundos de CVLs de base sino-japonesa), uma vez que todos apresentam as mesmas propriedades em seu truncamento: leitura avaliativa e retenção do morfema de categoria.

(18) Derivação de ***koku-ru*** (verbo)

a) estrutura sintática



b) estrutura morfológica



Nesses casos, a raiz do adjetivo ou do verbo é modificada pelo núcleo [EVAL] antes mesmo de ser categorizada e o adjetivo ou verbo formado já conterá, necessariamente, interpretação avaliativa. Essa associação direta de [EVAL] a essas raízes cria um contexto em que uma forma diferente da raiz – um alomorfe – deverá ser inserida. Em outros termos, a presença o núcleo [EVAL] cria o contexto adequado para a inserção do item de Vocabulário característico da forma truncada desses adjetivos e verbos.

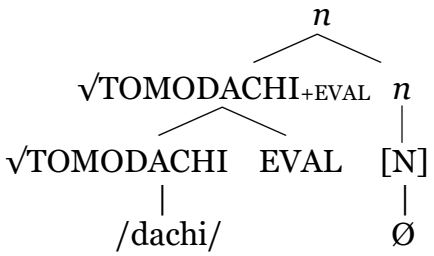
Quanto ao truncamento de nomes do estrato nativo, é preciso dizer que a quantidade de nomes desse estrato que sofrem truncamento é bem pequena, uma vez que as palavras desse estrato tendem a respeitar, de acordo com Kubozono (2010), a estrutura prosódica de palavras simples (apresentar quatro moras ou menos). Assim, sem uma motivação para o truncamento, uma vez que não violam a estrutura prosódica de palavras simples na língua, poucos nomes do estrato nativo se prestam a esse processo, mas os que o fazem apresentam leitura avaliativa, como a forma truncada *dachi*, cuja formada plena é *tomodachi* 'amigo'. Os hipocorísticos, por sua vez, são bastante produtivos e atendem à função de revelar uma avaliação a respeito da pessoa cujo nome é truncado.

Dessa forma, vamos assumir que a representação do truncamento de um nome do estrato nativo seja como (19):

(19) Derivação de ***dachi***

a) estrutura sintática

b) estrutura morfológica



Apesar de não haver expoente fonológico para o categorizador de nomes equivalentes a palavras simples em japonês, em consonância com os dados de adjetivos e verbos truncados, é razoável supor que a raiz desse nominal também seja modificada por [EVAL] antes de ser categorizada por *n*. Nesse caso, não há realização fonológica para o traço [N] na forma truncada, já que ele também não é realizado fonologicamente na palavra plena. De modo paralelo ao que sugerimos para os adjetivos e verbos truncados, a associação entre [EVAL] e a raiz cria o contexto adequado para a inserção do item de Vocabulário característico da forma truncada desses nomes.

Para tratar da representação do truncamento de palavras funcionais, será necessário, antes de mais nada, tecer algumas considerações sobre os aspectos formais de termos como *amari* e *bakari*, com os quais temos trabalhado mais de perto. Ambos são nominalizações que funcionam como palavras funcionais.

A palavra *amari*, utilizada como advérbio de intensidade, tem significado de 'muito' quando se combina a PPIs (itens de polaridade positiva) e significado de 'não muito' quando acompanha NPIs (itens de polaridade negativa). Por sua vez, *bakari* pode ser utilizada como advérbio de intensidade ou como palavra funcional indicativa de foco, expressando limitação – *apenas*, *somente* – ou indicando aspecto terminativo, como em *acabei de chegar*, ou iterativo, quando se relaciona à repetição de um mesmo evento.

Nos dois casos, a última sílaba terminada em /i/ indica que estamos diante de uma nominalização deverbal que, nos termos de Tagawa (2008), é chamada de nominalização *renyou*. O autor explica que a nominalização deverbal em

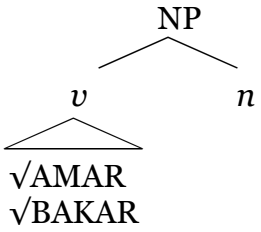
japonês é realizada por um morfema zero que se aplica ao que ele denomina de raiz verbal, como se vê pela derivação do nome deverbal *oyogi* 'natação' em (20):

(20) $_{N}[_{V}$ oyog[+V]] Ø[+N]] (TAGAWA, 2008, p. 67)

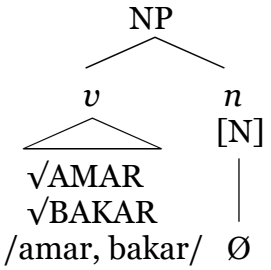
No entanto, para raízes verbais terminadas em consoante, após o processo de nominalização, insere-se /i/ como vogal epentética, o que garantirá a boa formação silábica do japonês. Assumindo essa análise para *amari* e *bakari*, uma representação possível para essas formas pode ser vista em (21):

(21) Derivação de **amari** e de **bakari**

a) estrutura sintática



b) estrutura morfológica

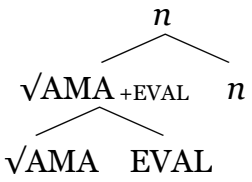


Por sua vez, uma hipótese para a derivação das formas truncadas *anma* e *bakka* poderia partir do pressuposto de que essas formas, diferentemente de *amari* e *bakari*, não passam pelo estágio de derivação verbal. Isso significa que elas não partem de uma raiz verbal: antes, formam-se independentemente das raízes verbais cognatas a elas e, como apresentam leitura avaliativa, comportam-se como palavras simples e têm representações semelhantes às dos verbos, adjetivos e nomes discutidos acima.

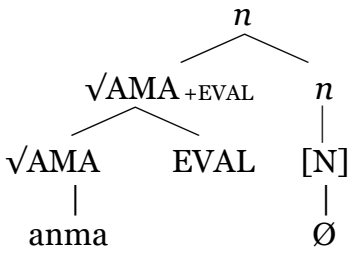
As representações propostas para essas palavras funcionais são as que se veem em (22) e (23), em que a forma das raízes não inclui a consoante final porque, como assumimos, não se trata, nesse caso, da raiz verbal:

(22) Derivação de **anma**:

a) estrutura sintática

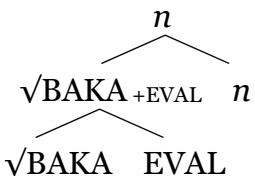


b) estrutura morfológica

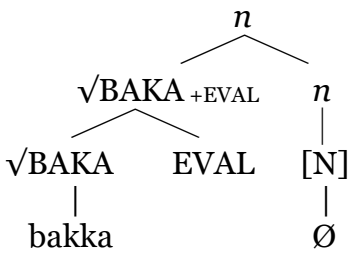


(23) Derivação de **bakka**:

a) estrutura sintática



b) estrutura morfológica



Mais uma vez, tem-se uma representação em que [EVAL] modifica uma raiz não categorizada e cria o contexto adequado para a inserção do item de vocabulário característico da forma truncada dessas palavras funcionais, especificamente, *anma* ou *bakka*.

Shinzato (2014) apresenta o seguinte dado para elucidar a diferença de uso entre a forma plena, *bakari*, e a forma truncada, *bakka*:

(24) Uso de *bakari* e *bakka* na mesma sentença (SHINZATO, 2014, p. 91)

NY	de	wa	nihonshoku	**bakari**	tabete **bakka**
NY	in	TOP	Japanese.food	**only**	eat **only**

'Only Japanese food, I **ate and ate** in New York, **only**. (cont. I'll be fatter when I leave for Japan)'

(blog, http://yaplog.jp/miyasaya38/month-ly/200911/)

Segundo Shinzato (2014), o uso de *bakari* confere foco ao nome a que se associa, *nihonshoku*, 'comida japonesa', com sentido de limitação, como em *foi*

só comida japonesa que eu comi em Nova Iorque. Por sua vez, a palavra truncada *bakka*, apesar de compartilhar com *bakari* a função de conferir aspecto de iteratividade – como se verifica em seu uso com o verbo na forma gerundiva *tabete*, 'comer' –, apresenta duas principais inovações em relação à sua forma plena:

(25) Inovações de *bakka* em relação à *bakari*
   a. *bakka*, diferentemente de *bakari*, pode aparecer em fim de sentença;
   b. *bakka*, diferentemente de *bakari*, pode acrescentar uma avaliação crítica, neste caso, de autodepreciação

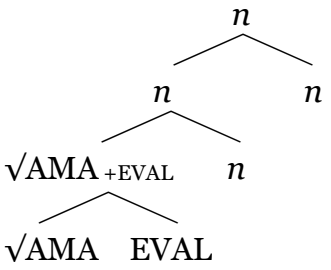
Além disso, ao analisar um *corpus* contendo sentenças proferidas por falantes em situação de trabalho e em situações cotidianas, Shinzato (2014) registra outra forma inovadora: *bakkari*, em que, além da morfologia de nominalização, ocorre uma geminação da consoante, que a autora descreve como enfática. Diante disso, ela resume as diferenças entre *bakari* e as formas inovadoras *bakkari* (forma plena com geminação enfática) e *bakka* (forma truncada) em três:

(26) Diferenças entre *bakari* e as formas inovadoras *bakkari* e *bakka* (SHINZATO, 2014, p. 92)
   a. a função original de advérbio de intensidade está em declínio entre as formas inovadoras;
   b. a função de atribuição de foco está em ascensão entre as formas inovadoras;
   c. a avaliação de crítica autodepreciativa está em ascensão entre as formas inovadoras

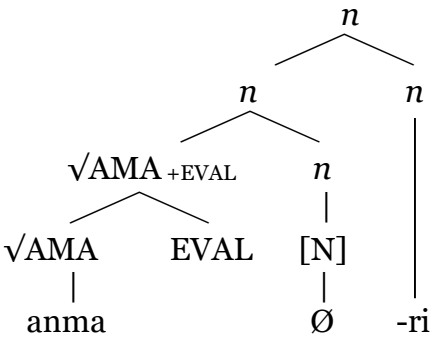
O que se observa, portanto, é que as duas formas inovadoras têm funções semelhantes e desencadeiam leituras semelhantes. Por esse motivo, é possível sugerir que as formas inovadoras *anmari* e *bakkari* derivam das formas truncadas e também inovadoras *anma* e *bakka*. Desse modo, pode-se propor a seguinte representação estrutural para a derivação de *anmari* e *bakkari*:

(27) Derivação de **anmari**:

a) estrutura sintática

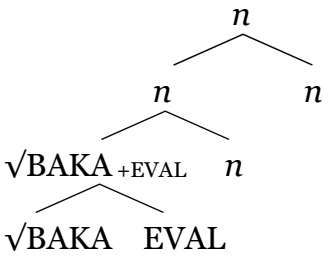


b) estrutura morfológica

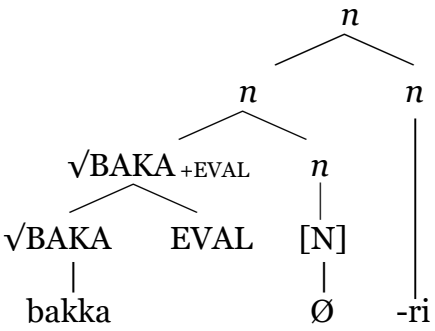


(28) Derivação de **bakkari**:

a) estrutura sintática



b) estrutura morfológica



A proposta de operações pós-sintáticas na estrutura morfológica, prevista pelo modelo da Morfologia Distribuída, admite a hipótese de que os dois núcleos *n* da estrutura acima passem por uma operação de fusão, gerando um núcleo complexo com os traços [N] e [N], que se preencherá com um item de Vocabulário como *-ri*, especificado com traços nominais, mas com inserção restrita apenas a contextos de estrutura nominalizadas (a partir de verbos, adjetivo e outros nomes), o que explica o fato de que esse item de Vocabulário não ocorre em nominais derivados diretamente de uma raiz.

Passemos, agora, à discussão sobre os compostos nominais sino-japoneses e a sua relação com a interface sintaxe-pragmática. A existência de [EVAL] na derivação das palavras truncadas que apresentam uma leitura avaliativa nos permitiu argumentar que esse morfema carrega instruções para a inserção de uma fonologia diferenciada a ser realizada em PF e para a leitura semântica de

LF. Contudo, é preciso que o mesmo modelo, a Morfologia Distribuída, também nos ofereça uma explicação para a formação de palavras truncadas que não apresentam uma leitura avaliativa, como é o caso dos compostos nominais sino-japoneses e dos nomes oriundos de empréstimo.

Na seção em que foram abordados aspectos semânticos relacionados ao truncamento, destacou-se que, para os compostos nominais, parece haver uma seleção semântica dos morfemas mais relevantes que compõem a palavra plena, mas, até o presente, não foi elaborada uma proposta para como se dá essa análise semântica. Nishihara, van de Weijer e Nanjo (2001) explicam que essa análise é capaz de elencar os morfemas mais relevantes para a recuperação do significado da palavra truncada, o que desencadeia o truncamento dos morfemas menos relevantes e a retenção dos mais relevantes.

Contudo, a relevância semântica, responsável pela retenção ou não de um morfema, parece levar em consideração o conhecimento de mundo do falante, uma vez que a própria noção do que é relevante, no contexto do truncamento, demanda um acesso ao funcionamento do mundo real. A exemplo disso, pode-se voltar ao truncamento da palavra *tei-ki-zyou-sya-ken* 'ticket de período fixo', cuja forma truncada é *tei-ki-ken*. No truncamento dessa palavra, foram retirados os segmentos *zyou-sya* 'subir no veículo', sendo que o morfema *sya,* 'veículo', se refere a veículos terrestres, como carros, trens ou vagões de metrô. Apesar de truncado o morfema que se refere ao tipo de veículo para o qual o ticket pode ser utilizado, pressupõe-se que o falante saiba, mesmo sem o morfema *sya* na palavra truncada, que o ticket não pode ser utilizado para aviões ou navios, por exemplo.

Considerando-se que, no momento de formação do truncamento, o falante tenha acesso a esse conhecimento de mundo, o morfema *sya,* 'veículo terrestre', torna-se menos relevante do que *tei-ki* 'período fixo'. Ainda, vale mencionar que existe também, para o mesmo composto nominal *tei-ki-zyou-sya-ken* 'ticket de período fixo', o truncamento *tei-ki*, que retém apenas os morfemas de 'fixo' e de 'período'. Nesse caso, torna-se ainda mais essencial a disponibilidade de um conhecimento extralinguístico ao falante nativo, visto que, mesmo sem acesso ao morfema *-ken*, 'ticket', sabe-se que *tei-ki*, neste caso, refere-se ao ticket de metrô de uso restrito a determinado período do dia.

Dessa forma, pode-se pensar que, para a Morfologia Distribuída, a Enciclopédia ou Lista 3 – repositório de significados especiais, associada à pragmática e ao conhecimento de mundo do falante – teria alguma função na derivação dos truncamentos de compostos sino-japoneses. Existem teóricos da Morfologia Distribuída que defendem que a Enciclopédia tenha acesso somente à interface semântica (LF) (cf. MARANTZ, 1996, 1997; HARLEY; NOYER, 2000), enquanto que outros acreditam que, por meio da interface conceitual, a Enciclopédia teria acesso tanto à LF quanto à interface fonética (PF) (cf. EMBICK; NOYER, 2007; SIDDIQI, 2009).

Em consonância com a segunda assunção, Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015) acrescentam, ainda, a possibilidade de traços enciclopédicos influenciarem a Inserção de Vocabulário, isto é, o preenchimento fonológico dos morfemas terminais disponíveis para a Lista 2 após a derivação sintática. Marangoni Junior (2021) também parte da interface sintaxe-pragmática descrita por Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015) para explicar a forma fonológica dos *blends* e outros casos de processos não-concatenativos de formação de palavras. Ele assume que o *input* semântico-enciclopédico faz com que a fonologia dos *blends* seja epifenomomenal, podendo desencadear apagamento, sobreposição ou troca de um item de Vocabulário por outro no componente morfológico.

De maneira semelhante, é possível pensar que, nos truncamentos de compostos sino-japoneses, a Enciclopédia, tendo acesso à LF e à PF, contribua com um input de traços relacionados ao conhecimento de mundo do falante capaz de identificar os morfemas mais relevantes para a recuperação do significado da palavra. Assim, é possível que a palavra *tei-ki* ‘período fixo’, quando oriunda do truncamento do composto nominal *tei-ki-zyou-sya-ken,* ‘ticket de período fixo’, refira-se a determinado tipo de ticket de metrô.

Finalmente, embora o truncamento de nomes estrangeiros, assim como o de compostos sino-japoneses, não apresente leitura avaliativa (logo não há concatenação de [EVAL] na derivação sintática), os dados não parecem revelar uma necessidade de acesso da Enciclopédia à PF e à LF, uma vez que não se verificam efeitos estilísticos ou seleção morfossemântica.

Além disso, Daniel (2018) observa, a partir do truncamento do estrangeirismo *mannerizumu*, oriundo do inglês *mannerism*, que a estrutura morfológica da palavra-fonte é opaca para o falante nativo do japonês, uma vez que a palavra truncada *manneri* contém, em sua última sílaba /ri/, a vogal inicial do sufixo *-ism*. Esse dado revela, portanto, que, ao contrário do truncamento dos estratos nativo e sino-japonês, a barreira morfêmica das palavras-fonte não é analisável pela gramática do japonês. Desse modo, (cf. SCHER; MALAGOLI, 2022) é adequado pensar que os empréstimos entrem na língua como bases simples, sem carregar a estrutura interna da língua original.

Assim, somada à ausência de leitura avaliativa, seleção semântica e alternância de comportamento sintático-semântico, a opacidade da estrutura morfológica interna das palavras do estrato estrangeiro nos faz pensar que, para esses nomes, ocorra um truncamento fonológico na Lista 2. A bibliografia acerca do truncamento em japonês, em sua maioria, dedica especial atenção aos nomes truncados oriundos de empréstimos do inglês, o que talvez possa se relacionar à abordagem eminentemente fonológica sob a qual esse fenômeno foi estudado em grandes trabalhos acerca do tema, como os de Itō (1990) e Kubozono (2010).

Como preconiza Kubozono (2010), em japonês, as palavras com cinco moras ou mais são fonologicamente analisadas como resultantes de um processo de composição, e não como palavras prosódicas simples. Porém, muitos empréstimos de nomes simples do inglês possuem estrutura silábico-moraica superior àquela que, em japonês, analisa-se como palavra simples.

Assim, o truncamento de nomes estrangeiros parece ser motivado pela redução da estrutura prosódica do empréstimo à estrutura típica de palavras prosódicas simples do japonês. Kubozono (2010) nota que, em nomes estrangeiros como *miruku* 'leite' (3μ) e *teeburu* 'mesa' (4μ), não se verifica truncamento, uma vez que essas palavras apresentam menos de cinco moras, logo já se enquadram na estrutura prosódica de palavras simples. Palavras como *sutoraiki*, 'greve', e *irasutoreesyon*, 'ilustração', no entanto, possuem mais de quatro moras, por isso configuram grandes compostos fonológicos passíveis de truncamento, produzindo, respectivamente, as formas truncadas *suto* (2μ) e *irasuto* (4μ) – ambas palavras prosódicas simples.

Essas observações nos permitem sugerir que o truncamento de nomes do estrato estrangeiro seja fonologicamente motivado pela redução de palavras de cinco moras ou mais à estrutura prosódica de palavras simples (de quatro moras ou menos), como indica a generalização a seguir:

(29) Generalização para o truncamento de nomes estrangeiros

a. $\omega \leq 4\mu \leftrightarrow$ [- truncamento]

b. $\omega > 4\mu \leftrightarrow$ [+ truncamento] $\rightarrow \omega \leq 4\mu$

5. Tipologia gramatical para truncamentos em japonês

As reflexões sobre as propriedades gramaticais dos truncamentos do japonês, bem como os tratamentos oferecidos para a formação de cada um desses tipos de formas truncadas nos permitiram dar o primeiro passo no sentido da elaboração de uma proposta de tipologia de base gramatical para elas.

Em nossa proposta, essa tipologia é sensível às classes de palavra e aos estratos da língua e também são levadas em conta as propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas desses dados. O resultado inicial está apresentado no quadro 2:

Quadro 2: Tipologia gramatical para truncamentos em japonês

	Leitura Avaliativa [EVAL]	**Sem leitura avaliativa**
Estrato Nativo	**A** $\sqrt{__}$ [EVAL]	
	V $\sqrt{__}$ [EVAL]	
	N $\sqrt{__}$ [EVAL]	
	p. funcional $\sqrt{__}$ [EVAL]	
Estrato sino-japonês	**CVL** $\rightarrow$ **V** $\sqrt{__}$ [EVAL]	**Compostos nominais**
Estrato estrangeiro	**A** $\sqrt{__}$ [EVAL]	**N**
	V $\sqrt{__}$ [EVAL]	

Fonte: elaboração própria

No campo marcado com [EVAL], todas as classes de palavra do estrato nativo, adjetivos e verbos do estrato estrangeiro e verbos truncados oriundos de

CVLs de base sino-japonesa apresentam a concatenação do morfema avaliativo diretamente à raiz. No campo [EVAL], há nomes estrangeiros, cujo truncamento se deve à regra de Inserção de Vocabulário em PF, e compostos nominais sino japoneses, que recebem input de traços da Enciclopédia.

6. Considerações finais

A análise de dados de truncamento em japonês revelou que a hipótese de Scher (2018) concernente à independência derivacional entre as formas plena e truncada é capaz de explicar adequadamente a leitura avaliativa constatada em algumas formas truncadas e as distinções sintático-semânticas dos truncamentos de palavras funcionais.

Nesse sentido, classe de palavra e estrato da língua parecem ser fatores relevantes para a presença de leitura avaliativa em certos dados. Esse aspecto morfopragmático sustenta a nossa proposta de uma tipologia gramatical eminentemente baseada na presença de [EVAL] na estrutura interna de: (i) todas as classes de palavra do estrato nativo; (ii) adjetivos e verbos do estrato estrangeiro e (iii) verbos truncados oriundos de CVLs de base sino-japonesa.

Em seguida, argumentamos que, em caso de leitura avaliativa, [EVAL] se concatena diretamente à raiz das palavras truncadas, o que é corroborado pela retenção do morfema categorizador em truncamentos de verbos e adjetivos e pela inserção de uma fonologia na raiz que se revela específica para as formas truncadas.

Para o caso de nomes estrangeiros e compostos nominais sino-japoneses, nos quais não se verifica leitura avaliativa, a Morfologia Distribuída também pareceu ser capaz de oferecer uma explicação elegante. No caso dos nomes estrangeiros, uma regra em PF pode explicar a adequação dessas formas truncadas à restrição – elaborada por Itō (1990) – de, no máximo, quatro moras. Em relação aos compostos nominais sino-japoneses, tomando como referência os trabalhos de Minussi e Nóbrega (2014), Nóbrega e Minussi (2015) e Marangoni Junior (2020), teorizamos que traços enciclopédicos influenciem a Inserção de Vocabulário de modo que apenas os morfemas mais relevantes para a

recuperação do significado da palavra truncada sejam fonologicamente preenchidos na Lista 2.

Assim, a partir da interação da morfologia com demais componentes da gramática, construímos uma tipologia gramatical para o truncamento em japonês.

Referências

BEARD, Robert. *Lexeme-morpheme base morphology*: a general theory of inflection and word formation. Albany, Nova York: Suny Press, 1995.

BONET, Eulalia. Morphology after syntax: pronominal clitics in Romance. 1991. Tese (Doutorado em Linguística) - Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 1991

DANIEL, Adam. *Clipping as Morphology*: Evidence from Japanese. Dissertação (Master of Arts) – University of Calgary, Calgary, Alberta, 2018.

EMBICK, David, NOYER, Rolf. Distributed Morphology and the syntax-morphology interface. *In*: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 289–324.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. *In*: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (ed.). *The view from Building 20*: essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger, Cambridge, MA: The MIT Press, 1993, p. 111-176.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Formal versus encyclopedic properties of vocabulary: evidence from nominalisations. *In*: PEETERS, Bert (org.). *The Lexicon-Encyclopedia Interface*. Amsterdam: Elsevier, 2000, p. 349-374.

ITŌ, Junko. Prosodic minimality in Japanese. *In*: DEATON, Karen.; NOSKE, Manuela, M.; ZIOLKOWSKI, Michael. (eds.), *Chicago Linguistic Society* 26(2). Chicago: Chicago Linguistic Society. 213-239. 1990.

KUBOZONO, Haruo. The mora and syllable structure in Japanese: Evidence from speech errors. *Language and Speech*, v. 32, p. 249–278. 1989.

KUBOZONO, Haruo Word formation and phonological structure: the mechanism of word truncation. *NINJAL Project Review*, v. *3*, p. 17-34. 2010.

LABRUNE, Laurence. The prosodic structure of simple abbreviated loanwords in Japanese: A constraint-based account. Journal of the Phonetic Society of Japan. v. 6, n. 1, p. 98–120. 2022.

LADEFOGED, Peter. *A course in phonetics*. New York: Harcourt Brace. 1982.

MARANGONI JUNIOR, Cesar Elidio. *A blendtividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

MARANTZ, Alec. “Cat” as a phrasal idiom: Consequences of late insertion in Distributed Morphology. Manuscrito. Massachusetts Institute of Technology, 1996.

MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don’t Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. *In*: DIMITRADIS, Alexis; SIEGEL, Laura, SUREK-CLARK, Clarissa; WILLIAMS, Alexander (ed.). *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Working Papers in Linguistics, Philadelphia, p. 201-225, 1997.

MINUSSI, Rafael Dias; NÓBREGA, Vitor Augusto. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. Veredas (UFJF), v.18, n.1, p. 161-184, 2014.

NISHIHARA, Tetsuo; VAN DE WEIJER, Jeroen; NANJO, Kensuke. Against headedness in compound truncation: English compounds in Japanese. *In*: van de WEIJER, Jeroen; NISHIHARA, Tetsuo. (Eds.) *Studies in generative grammar*: issues in Japanese phonology and morphology. Berlin: Mouton de Gruyter. 2001.

NÓBREGA, Vitor Augusto; MINUSSI, Rafael Dias. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos blends fonológicos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 91, p. 158-177, jan./jun. 2015.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory*: constraint interaction in generative grammar. New Brunswick: Rutgers University, University of Colorado, 1993.

SCHER, Ana Paula. *Por menos morfologia não concatenativa*: uma análise localista para as formas nominais truncadas no português brasileiro. Tese (livre docência). São Paulo. 2018.

SCHER, Ana Paula. A study of truncated nominal forms in Brazilian Portuguese: their derivation and their relation to non-verbal form classes. *In:* KATO, Mary Aizawa; ORDOÑEZ, Francisco (ed.). *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Comparative Syntax Series, Oxford: Oxford University Press, p. 332-354. 2016.

SCHER, Ana Paula; MALAGOLI, Raquel Gesqui. Emrpéstimos em Morofloogia Distribuída: termos do inglês em coreano e português. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*. v 7, n. 2, 2021, p. 109-126.

SHINZATO, Rumiko. Amari/anmari/anma and totemo/tottemo in history and discourse: Interaction of negative polarity and positive polarity. *In*: HUDSON, Mutsuko; MATSUMOTO, Yoshiko; MORI, Junko. (Eds.), Pragmatics of Japanese: Perspectives on grammar, interaction and culture. Amsterdam. 2018.

SHINZATO, Rumiko. From Degree/Manner Adverbs to Pragmatic Particles in Japanese: A Corpus-based Approach to the Parallel Diachronic Development of Amari, Bakari and Yahari. *In*: TAAVITSAINEN, Irma; JUCKER, Andreas H. (eds) *Diachronic Corpus Pragmatics*, Amsterdam: John Benjamins, 2014, 77–105.

SIDDIQI, Daniel. *Syntax within the Word*: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology. Amsterdan: John Benjamins Publishing Company, 2009.

TAGAWA, Takumi. A distributed morphology approach to conjugation: a morphosyntactic analysis of the verbal form Ren-yookei in modern Japanese. *Tsukuba journal of applied linguistics*, Tsukuba, v. 15, p. 59-72, 2008.

YAMAGUCHI, Toshiko. *Japanese Linguistics*: An Introduction. London/New York: Continuum. 2007.